

# A homenagem de Silves a Motamid, rei-poeta arabe

Caro amigo Alvaro  
de Lemos:

Em «A Voz» de 21 do corrente julho, lá volta o academico Cabrita a fazer mais acusações graves, como ele diz, ao Motamid...

(E' de notar que desta vez a prosa paranoica do dementado anti-muçulmanista lagoense já não vem na 1.ª pagina e em letra gorda: vem empurrada para um canto da 4.ª pagina e em tipo miudinho... Dir-se-ia que até a propria «Voz» já começa a cansar-se com a sarrazina cabritiana... Apre!)

Como o *acusador*, na sua lúria, vem atrapalhando tudo, e, pelo que tive occasião de observar ha dias, ainda uma pessoa ou outra de boa-fé poderá ir atraz da seriedade que lhe supõe (demais a mais sendo ele autor do famoso opusculo), preciso se torna mostrar o que valem as suas novas acusações ao Motamid...

Vejamos, primeiro, o que na obra do general Oliveira Parreira *Os Luso Arabes*, (2 vols. - Lisboa, 1898), se lê sobre o caracter de Motamid:

«Caracter simpatico em todos os tempos da sua vida, coração sensível, todo ternuras e alecto, só duas vezes na vida o sangue de seu pae lhe referveu nas veias: quando para vingar o assassinio de seu filho, mandou crucificar Ibn Ocacha juntamente com um cão, e quando, vendo a esposa insultada pelo maior amigo (Ibn Ammar), vingou n'ele a afronta recebida.» (vol. I, pgs. 259)

Agora, sobre a verdadeira historia detalhada do assassinato de Ibn-Ocacha,

... «O principe Serag-Daula, filho de Motamid e de Itimad, então governador da capital, morreu victima de uma traição de Ibn Ocacha, celebre caudilho que as cronicas cristãs nos apresentam num torneio da corte de Afonso VI, fazendo prodigios de força corpórea...

«O cadaver do desditoso principe, que então contava dezesseis anos, ficou extendido no pateo do palacio de Zahara, sendo-lhe depois a cabeça passeada pelas ruas, espetada num chnço (...)

«Imagine-se o desgosto da sultana e de seu esposo.

«Este ardia em desejos de se vingar (...)

«O Motamid seguiu sobre Cordova e penetrou nessa cidade por uma porta, ao mesmo tempo que Ibn Ocacha fugia por outra.

«Lançou contra ele a sua valente cavalaria (...) e o saqueador vendeu cara a vida.

«D. José Conde diz que foi o proprio Motamid que o varou com a sua lança.

«N'essa occasião o rei de Sevilha sentiu que lhe tervia nas veias o sangue do seu cruel pae.

Mandou pregar n'uma cruz o cadáver de Ibn Ocacha, juntamente com um cão». (id. vol. II, pgs. 2 e 3)

(Está-se vendo que Ibn Ocacha assassino e envenenador, hércules de força, era mesmo o *pobre diabo* que o sr. Cabrita pretendia...

Oliveira Parreira, no seu romance, quando Ibn-Ammar se encontra já no cárcere, carregado de ferros, figura-o meditando acerca do Motamid, por esta forma:

«E por entre as nuvens do desalento vislumbrava-lhe no cérebro um clarão de esperança. O Motamid que no primeiro arrebatamento de cólera o não mandara matar, é porque ainda o amava. Ele conhecia bem o coração generoso e os sentimentos de humanidade do seu amigo d'outra. Só o vira cruel com Ibn Ocacha, e isso com os mais justos motivos e no calor da guerra. Ibn Ocacha assassinára-lhe o filho, uma creança de dezesseis anos, deixando ao abandono e nú o tronco do desditoso principe, e passeando-lhe a cabeça gotejante pelas ruas de Cordova». (pg. 126)

Sobre o outro assassinato cometido pelo Motamid—o do seu amigo Ibn-Ammar,—acrescenta: rei ao que já disse no P. S. da minha carta anterior, este excerto da biografia de Ibn-Ammar que

o bondosissimo dr. Athayde Oliveira deu na sua *Monografia de Estombar* (pg. 199): «Depois de uma série de peripecias, todas reveladoras da sua extrema ambição, levantou armas contra o seu rei, quiz formar um Estado independente e proclamar a revolta (...)

«Caindo mais tarde sob o poder do principe, este o matou por suas proprias mãos. E' que a violancia de Ibn Ammar fôra tanta que o proprio principe viu que, se lhe perdoasse, concorria para a perda dos seus Estados».

Creatura dotada de grande engenho poetico, intrépido general, habilissimo diplomata, Ibn Ammar é o tipo do perfeito bandido, sem escrúpulos de espécie alguma. Acabou por ser, diz Oliveira Parreira «como um d'esses chefes de companhias francas que mais tarde na Europa e mórmemente na Italia punham a sua espada ao serviço de quem melhor lhes pagasse» (vol. II, pg. 116) Ibn Ammar era da escola de Motamid (o pae de Motamid).

«O valido ambicioso (Ibn-Ammar) e o tirano (Motamid) compreendiam-se bem; a semelhança dos seus caracteres irmanava-os», diz Oliveira Parreira (vol. I, pg. 253)

E se em abono do caracter de Ibn-Ammar, que parece defender, o academico Cabrita poderia invocar o facto de ele ter conservado, dos seus tempos de creança, *sómente* «a sua extrema afeição a sua mãe» (cf. Athayde Oliveira, obr. cit. pg. 199), —então, aqueles que não simpatizam com o cruel Motamid—(o tal que, segundo a moda barbara do tempo, plantava flores nos craneos das suas victimas)—podem invocar tambem em favor d'ele, *pelo menos* o seguinte facto: é que este «monstro de crueldade» faleceu de desgosto ao ver passar o enterro de sua filha Zafrah (ou Tharah), irmã germana de Motamid.

«Tão extraordinaria coisa o coração humano», conclue Oliveira Parreira (vol. I, pg. 347)

Caro amigo e sr. Alvaro de Lemos: porque não publica no seu «Correio» a laia de folhetim, os dois capitulos (XIII e XIV) do 2.º vol. de *Os Lusos Arabes*, em que Oliveira Parreira *romanceou*, por forma tão interessante e tão viva, a *verdade historica* das derradeiras scenas entre Ibn-Ammar e Motamid?

O publico algarvio leria com curiosidade e ao sr. Cabrita acabaria se-lhe a *corda* por este lado...

Agora, vamos lá á questão dos versos da lapide.

A poesia do Motamid a Silves encontra-se realmente dirigida a Abn Becr (Ibn Ammar) e começa assim: *Sauda em Silves os sitios queridos que tu sabes, ó Abn Becr, e pergunta-lhes se guardaram a minha lembrança*, segundo a traducção que Oliveira Parreira dá em prosa (vol. II, pg. 286).

Na lápide, segundo a fotografia publicada no «Diario de Noticias» (8 de Junho), lê-se o seguinte:

«Viajante, Sauda Silves e pergunta-lhe se guarda lembrança do meu carinho em suas amenas moradas.»

O sentido é pois o mesmo: a substituição do episódio vocativo até não fica mal, porque dá mais realce, ainda, ao pensamento do Motamid... Mas o sr. Cabrita, no seu... *delirio de perseguição* ao poeta-rei de Silves—(do Algarve, e, pois, dos seus antepassados de Lagoa!...)—não pode evidentemente comprehender uma coisa tão minima...

Finalmente, sobre *grandes poucas vergonhas*... O cristianissimo academico esquece se (ou ignora) aquela *grande pouca vergonha* do casamento de Afonso VI de Leão—(casamento por demais negociado por Ibn-Ammar!)—com a formosa mulçumana Zahida, filha do assassino Motamid! E ainda com a agravante d'outra *grande pouca vergonha*: ter o casamento sido «com o monarca de Leão que, não obstante estar já casado com Constança de Borgonha, a recebeu, no dizer dos cronistas cris-

tãos, como legitima esposa (*quasi pro uxore*)» (Oliv. Parr.—obr. cit. I, pg. 31).

A muçulmana Zahida «recebeu o baptismo e nele o nome cristão de Maria; e sendo mãe do unico varão de Afonso VI» (o malogrado principe Sancho), «tornou-se a esposa mais querida d'esse monarca.» (id. II, 32)

«A moura Zahida, depois rainha de Castela, jaz ainda hoje na egreja de S. Isidro em Leão, ao lado dos tumulos de Afonso V, Fernando I e D. Urraca, rainha de Zamora» (id. II, 31).

Mas... que série de *grandes poucas vergonhas* em toda esta... historia!

Desculpe-me, caro amigo, mais esta... *anti-cabritada* e creia-me sempre

mt.º att.º vend.º e obg.º

Francisco Fernandes Lopes

s/c Olhão, 25 Julho 1928.

P. S.—Viu a carta que, em «A Voz» de 25, a proposito da prisão dum homonymo, tambem do Algarve, o nosso grande homem se apressou a escrever do Luso? S. Ex.ª declara muito peremptoriamente que está ali «em breve cura de repouso, alheio a bolchevistas e *motamides*». (!!!!!!!)

Coitado, tal tem sido a preocupação e o esforço dispendido nessa *cruzada do bom combate*, como se dizia «antanho»!... (Estava realmente carecido...)

Pois que melhora depressa o nosso heroi-cómico... *Anti-motamida*.

F. L.

Sr. director do *Correio do Sul*:

Mais de uma vez o jornal de de V. e a imprensa de Lisboa me tem attribuido a iniciativa da lapide com que a posteridade num grande anseio de justiça deseja responder á pergunta que Al Motamid nos versos da lapide faz a Silves sobre «se guarda lembrança do seu carinho em suas amenas moradas».

O «Correio do Sul» no seu numero 596 pela pena autorisadissima do sr. dr. Fernandes Lopes faz a mesma afirmativa, mas este distinto homem de letras, apesar de ser o Sumo Pontífice das letras algarvias, e que tambem pontifica em todo o territorio português pela sua variadissima cultura equivocase, o que prova que os Pontífices tambem se enganam. Não desejando adornar-me com penas que não me pertencem, devo dizer francamente que a ideia foi lançada pelo sr. Blas Infante, advogado e notario na Ilha Cristina e pessoa muito conceituada no meio intelectual da Andaluzia, que por enquanto não tenho a honra de conhecer pessoalmente; e aproveito a occasião para dizer que quem me poz em comunicação epistolar com D. Blas Infante foi o sr. dr. Miguel Ortigão, nome que ainda não appareceu no tablado desta scena, em que certamente representarão todos os espiritos desempoeirados deste Algarve, cheio de tantas tradições árabes, a começar no seu nome.

Eu tenho sido, é certo, um entusiasta colaborador da ideia, esse prazer espirital tenho tido, e nesta cidade encaminheia-a carinhosamente nos seus primeiros passos, até que o «Diario de Noticias» propositadamente enviou a Silves o sr. Nunes de Carvalho, seu redactor, para combinar com a anterior Comissão Administrativa a forma de conduzir as festas. Muito longe de me ter molestado por aquelas entidades terem empolgado a direcção do movimento, antes contente fiquei, pois que, desejando que tudo decorresse com o maior brilho, via claramente que eu nada poderia fazer que se parecesse com o resultante da aliança da Camara Municipal de Silves com o «Diario de Noticias».

Nós temos um ditado que diz: «De Espanha nem bom vento, nem bom casamento». Desta vez

sopra bom vento, apesar do reactionarismo ultramontano estar desconfiado com esta aragem, vinda de terras que nem mesmo no tempo da inquisição toram consideradas de *nação infecta*, como eles diziam, e ter serios receios de que a Sé de Silves volte a mesquita como nos tempos idos, ingenuidade que me faz lembrar a de alguns silveses que já dizem que desta vez é que os mouros veem desencantar as mouras encantadas. Se alguma tempestade se levantar, certamente que não passará de tempestade num copo d'agua.

E, ao fechar esta carta, acabo de ler nos jornais de Lisboa que três bonitas mulheres de letras andam de automovel percorrendo o mundo, desacompanhadas de *chauffeur*, no intuito de resolver o problema da misteriosa origem das Mil e Uma Noites, muito particularmente interessadas pela antiga civilização árabe em que principalmente nós, algarvios, muito temos que aprender, por muito que isto custe a todos os Nemos.

Se V. Ex.ª entender que esta elucidação é util para os numerosos leitores do seu jornal, publicando-a, muito obsequiaria o de V. Ex.ª

contraide e admirador

Pedro Mascarenhas Judice  
Silves, 25-7-928.